ORIGENS DE JUAZEIRO DO NORTE

Joaryvar Macêdo

Como prolegômenos à presente síntese, evoquemos, de passagem, certos fatos precedentes, em linhas de repasse histórico, em ordem à compreensão de nossa crônica regional e local dos primeiros tempos.

Descoberto o Brasil, algumas décadas decorreram, sem que a metrópole, face sobretudo à exiguidade de recursos financeiros, iniciasse a tarefa de colonização. Esta, quando começou, foi levada a efeito com uma lentidão tão grande que ensejou a intromissão dos franceses.

Na conquista da terra, os lusos encontraram inúmeras dificuldades. No Norte brasileiro, os impecilhos, ingentes: a feitoria, fundada, no Maranhão, pelos normandos, as correntes marinhas e os ventos do litoral nordestino. "Por isso", afirma Raimundo Girão, "somente em 1603 pôde vir aos climas cearenses uma *bandeira* ou *entrada* exploradora, chefiada pelo açorino Pero Coelho de Sousa, residente na Paraíba, antigo comandante de uma galé real e homem afeito às aventuras guerreiras."

Malograda, parcialmente, a empresa de Pero Coelho, a de colonizar o Ceará, a conquista civilizadora fora, todavia, não há negar, iniciada por esse bravo.

À expedição de Pero Coelho seguir-se-ia a penetração do território pelos Padres Francisco Pinto e Luís Figueira, com a finalidade precípua de catequizar o gentio do Norte.

Findo um lustro da estada aqui dos dois jesuítas, isto é, em 1611, aportava às terras cearenses Martim Soares Moreno, o português que se fazia acompanhar do Padre Baltasar João Correia e um grupo de seis soldados, na tentativa de se apossar da gleba.

Não pouco se teria a relatar de Moreno, mas avancemos no tempo e nos fatos e digamos que ao moço luso, apenas em 1619, por uma decúria, foi conferida a Capitania do Ceará, da qual, entretanto, assenhoreou-se somente em 1621.

Com Martins Soares Moreno, dava-se a posse oficial da terra, passando ele à História como o fundador do Ceará, onde trabalhou intrepidamente, "cuidando zelosamente dele, introduzindo a criação de cavalgaduras e gado vacum e a plantação das canas-de-açúcar", no asserto do mesmo Raimundo Girão.

O povoamento do Litoral e da Zona Norte efetivar-se-ia com enormes dificuldades, podendo-se mencionar, entre as principais, a reação dos silvícolas e a adversidade do meio físico.

(★) Conferência proferida em 27/08/77, na Câmara Municipal de Juazeiro do Norte - CE, por ocasião da Sessão Solene de abertura das comemora-

ções referentes ao Sesquicentenário da Povoação do Juazeiro.

A ação povoadora realizava-se ao passo que os exploradores iam conseguindo as datas de sesmarias, desde a segunda metade do Século XVII, as quais se constituiram em núcleos de extensas fazendas de criação e, posteriormente, de engenhos. Os imigrantes, a partir de então, povoaram todos os recantos do Ceará, não havendo exagero em afirmar que até o meio do Século XVIII, e mesmo antes dele, ou seja, no primeiro quartel, o território cearense já estava todo habitado.

Em pequeno ensaio sobre os primórdios desta zona, citando, inclusive, à letra, historiadores regionais, registramos o seguinte:

"É o Cariri, no Sul do Ceará, uma região caracterizada por suas águas perenes jorrantes das faldas do planalto do Araripe, sua vegetação verde nos sítios, seus buritis e babaçus de porte tão elegante, seus canaviais ao pé-de-serra do Araripe e dos brejos vizinhos, seus engenhos que moem cana-de-açúcar e cheiram a mel..."

. . . . . .

"Denominaram-no, a princípio, Cariri Novo, para diferenciá-lo do Cariri paraibano, apelidado Cariri Velho, por ter sido descoberto anteriormente. Veio-lhe o nome dos índios cariris que na época da colonização do Ceará ocuparam extenso trato do território nacional, de Itapecuru, no Maranhão, ao Paraguaçu, na Bahia."

"São os seguintes os municípios, ora existentes no Cariri cearense: Abaiara, Altaneira, Araripe, Assaré, Barbalha, Barro, Brejo Santo, Caririaçu, Crato, Farias Brito, Granjeiro, Jardim, Jati, Juazeiro do Norte, Mauriti, Milagres, Missão Velha, Nova Olinda, Penaforte, Porteiras, Potengi e Santana do Cariri.

"De profunda influência na conquista e povoamento da região caririense, é o Riacho dos Porcos o maior curso d'água do Vale - 140 quilômetros - e o principal tributário do Salgado que deságua no Jaguaribe.

"O Riacho dos Porcos, partindo do município cearense de Jardim, (situado no outro lado do Vale do Cariri, olhando para as próximas nascentes do já citado Rio da Terra Nova), dirige-se, de início, para leste, descrevendo um arco em frente e as poucas léguas da testada oriental da serra do Araripe para completar a configuração a leste, muito próximo da cidade de Missão Velha, sede do município do mesmo nome. Suas duas margens banham, antes desta cidade, os municípios cearenses de Brejo Santo, Mauriti, Milagres e o distrito de Jati (outrora Macapá), encravado nos sertões de leste do município de Jardim que se limita ao Sul e nascente com o Estado de Pernambuco."

"As datas de sesmarias doadas, que eram o instrumento de posse, remontam à primeira década do Século XVIII. Antes, porém, ou seja, nas últimas decúrias do Século XVII, já havia colonos sediados no Cariri. A

última década do Século XVII e o primeiro quartel do Século XVIII foi, contudo, a fase do povoamento mais regular.

"Os elementos brancos ou cruzados já estavam, portanto, presentes no solo caririense, na transição do Século XVII para o Século XVIII.

"Várias, as causas da penetração do civilizado nesta gleba, numerando-se entre as demais: a necessidade do alargamento da zona de criação, a uberdade do solo, a mineração que não passou de uma tentativa frustrada.

"A exploração do ouro, aliás, foi uma das causas secundárias. A mais importante, sem dúvida, a necessidade da expansão curraleira.

"Os colonizadores não se constituíram dos concessionários de terras, mas de outros a quem aforaram ou venderam eles, a retalho, os seus sesmos. Muitos - ou quase todos - nem sequer deles tomaram posse.

"Os desbravadores ou civilizadores foram, sim, os que adquiriram pedaços dos sesmos, fundando as propriedades: engenhos, fazendas e sítios.

"De taipa, as primeiras casas. Estas evoluíram para as casas-grandes. E os proprietários, em geral, portadores dos títulos de: coronel, capitão, sargento-mor, tenente, alferes etc.

"A corrente migratória do extremo sul do Ceará integrou-se, em maior ou menor contingente de: A) baianos, b) pernambucanos, c) sergipanos, d) portugueses, e) alagoanos, f) paraibanos, g) norte-rio-grandenses, h) piauienses, i) maranhenses, j) cearenses, de pontos diversos: Fortaleza, Aquirás, Icó, Serra dos Cocos, Russas, Serra da Ibiapaba, Messejana, Aracati, Inhamuns, Acaraú, Quixelô, Rio Jaguaribe (ou Jaguaribe).

"Ao lado desses houve, também, uma cota insignificante de colonos de outras plagas: Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo etc.

"Os escravos provinham, em maior número, da África Ocidental, particularmente da Costa da Mina e do Reino de Angola. Os do Brasil procediam, especialmente, do Rio São Francisco.

"Lembre-se que, para a formação étnica e social deste Cariri, verificou-se a contribuição - não muito expressiva - de indígenas."

Pelos meados do Século XVIII, tão povoado já se encontrava o Cariri que, do livro de batizados de Missão Velha, de 1748 a 1764, a primeira freguesia erigida no Vale, em cuja jurisdição todo ele se enquadrava, recolhemos e relacionamos, em nosso citado ensaio, os nomes de 144 sítios ou fazendas, núcleos originários e sócio-econômicos das primitivas famílias caririenses.

Na referida época, (meados do Século XVIII), em toda a área do Cariri, existiam cinco templos: A Igreja de Nossa Senhora da Piedade, em Missão Velha, servindo de Matriz paroquial, e que, arruinada, foi substituída por outra, dedicada a São José; a Igreja de Nossa Senhora da Penha do Miranda, depois Crato; a Capela de Santo Antônio da Missão Nova, ora distrito de Missão Velha; a Capela de Nossa Senhora do Rosário, no Poço Comprido, hoje Podimirim, e a de Nossa Senhora dos Milagres, no lugar de idêntico

nome, a qual originou a cidade homônima.

Quanto à ocupação definitiva do trecho do solo, onde se ergueria, de futuro, o município de Juazeiro do Norte e sua metrópole, recuemos no tempo.

É sabido que, cronologicamente, o primeiro ocupante, por si ou por seus prepostos, pois não se tem certeza de sua estada aqui, foi o potiguar Capitão-mor Manuel Rodrigues Ariosa. Obtendo sesmaria, em 1703, "a começar da Cachoeira dos Cariris até entestar com o fim da lagoa dos Cariris", seu latifúndio houve como sede o trato de brejo que passaria a chamar-se Lagoa do Ariosa, onde, hoje, se encrava o Sítio São José, entre Crato e Juazeiro do Norte.

As referidas terras de Ariosa, comprou-lhas aos herdeiros o Capitão Antônio Mendes Lobato e Lira, cuja filha, Maria Ferreira da Silva, houve-as por herança. Era ela casada com o Capitão-mor Domingos Álvares de Matos, que exerceu as funções de Diretor dos Índios dos Cariris Novos. O casal, em 1743, doou aos índios cariús uma porção de seus terrenos e, por partes, venderam as outras, inclusive aquelas que formariam, no porvir, o município e a cidade de Juazeiro do Norte.

Nos arquivos cratenses e missãovelhenses, como verdadeiros adquirentes do latifúndio em apreço, legítimos colonos e incontestes iniciadores do processo civilizador na gleba, em meados do Século XVIII, porquanto convergentes na organização do complexo social da terra, figuram, entre outros: - Alferes Manuel de Sousa Pereira, paraibano, rebento do português lisboeta Antônio de Sousa Pereira e Maria da Silva Correia, paraibana. Consorciou-se com a caririense Caetana Perpétua do Nascimento Bezerra de Menezes, filha do sergipano Capitão Antônio Pinheiro Lôbo e Mendonça e de Joana Bezerra de Menezes ou Joana Bezerra Monteiro, pernambucana, senhores, os dois últimos, do Sítio Muquém, nas cercanias do Crato. O referido Alferes, com sua mulher, agricultaram o Sítio Porteiras do Carité. - Capitão Domingos Gonçalves Sobreira, português da Freguesia de Sobreira, matrimoniado com a pernambucana de Igarassu, Rita dos Prazeres Cabral, que senhorearam os Sítios Carité e Pedrinhas. - Capitão Firmiano Dias de Sousa, que se fez proprietário do Sítio Logradouro, e os demais: Manuel Alves de Oliveira, Gonçalo José de Alencar, Íria Francisca de Alencar, Capitão José Bezerra de Barros, Lourenço Ferreira Pinheiro. Todos, sediados às margens do Rio Carité, depois denominado Salgadinho, o mesmo que banha o município do Crato, com o nome de Batateira. Todos, fundadores de nossa aristocracia rural. Todos, patriarcas de nossas famílias primitivas, como é o caso do Capitão Domingos Gonçalves Sobreira e sua mulher, que encheram estes páramos de Sobreiras e de Cabrais, o mesmo acontecendo aos outros, como o Alferes Manuel de Sousa Pereira e sua consorte, disseminando, no vale do antigo Rio Carité, os Pereiras Lôbo,

Ferreiras Pinheiro e Ferreiras Lôbo.

Implantada a civilização na área que se destinaria ao cenário do município juazeirense, e falecido o Alferes Manuel de Sousa Pereira, os herdeiros venderam, em 1780, o Sítio Porteiras do Caritê, ou simplesmente Porteiras, a um cunhado do finado, o então Sargento-mor Leandro Bezerra Monteiro, irmão que era, de pai e mãe, de Caetana Perpétua do Nascimento Bezerra de Menezes, o qual "o converteu em respeitável solar patriarcal".

Destarte, mais um importante ramo da família Bezerra de Menezes ou Bezerra Monteiro, do Sítio Muquém, radicava-se nas terras do futuro município de Juazeiro do Norte.

Entre os filhos do Sargento-mor, depois Brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro, com sua mulher Rosa Josefa do Sacramento, sergipana, numerou-se Luísa Joana Bezerra de Menezes, falecida em 1820, contando 47 anos de idade. Primogênita, aliás, contraíra ela dois matrimônios, o primeiro com o pernambucano Sebastião de Carvalho e Andrade, detentor da patente de Capitão, e o segundo com André Vieira de Melo Cavalcanti.

Luísa Joana deixou somente dois filhos, ambos do primeiro casamento: o Padre Pedro Ribeiro da Silva Monteiro e o poeta Manuel Ludgero de Carvalho Paz.

O Padre Pedro Ribeiro, seguindo as pegadas dos ancestrais, tornou-se grande proprietário rural, senhoreando os Sítios Juazeiro, Boca das Cobras, Mata, Prazeres e Currais de Baixo.

A esta altura de nossa exposição, façamos algumas digressões necessárias.

Tradição é a transmissão oral de fatos lendários, de idade em idade. *Tradição* é a repetição, através dos tempos, de fatos que nos chegam deturpados. *Tradição* é termo que vem do verbo latino *tradere* que significa também *trair*. *Tradição* é também *traição*.

História é a narração metódica dos acontecimentos sócio-político-econômicos, ocorridos na vida de um povo. *História* é conteúdo científico, extraído das fontes genuínas. *História* é a narração de fatos, colhidos em documentação autêntica, e com o crivo da crítica. *História* é verdade.

Nossa flora influenciou sobremodo nos topônimos regionais: Timbaúba, Pau d'Arco, Aroeiras, Braúnas, Buriti, Tabocas, Gameleira, Catolé, Carnaúba, Ingazeira, Jenipapeiro, Mororó, Muquém, Juazeiro...

Outra realidade: Pela arquívia caririense, constatamos que os nomes das primeiras fazendas ou sítios continuaram, invariavelmente, nos aglomerados urbanos sobre eles erguidos. Foi o que aconteceu com a cidade de Barbalha, que surgiu no Sítio Barbalha da Salamanca; com a cidade de Porteiras que se ergueu no Sítio Porteiras do Padre Valério; com a cidade de Milagres, que se nucleou no Sítio Milagres do Riacho dos Porcos; com a

cidade de Missão Velha, que se estruturou no Sítio Missão Velha ou Missão Velha da Cachoeira; com a cidade de Brejo Santo, que se chantou no Sítio Brejo do Riacho dos Porcos; com a antiga povoação de Buriti (Crato), que se originou do Sítio Buriti; com a povoação de Rosário, hoje Podimirim (Milagres), que se formou no Sítio Rosário do Poço Comprido; com a povoação de Missão Nova, que nasceu no Sítio Missão Nova, e assim por diante.

Idêntica seria a sorte de Juazeiro do Norte. Teria, naturalmente, que evoluir do Sítio Juazeiro. É a evidência dos fatos, a lógica incontestável, e, sobre isso, o registro documental, apodítico e irrefutável.

Efetivamente, a voz da arquívia, base da heurística, é mais eloquente que a da tradição.

Reatemos o fio de nossa exposição e reentremos em nossa narrativa.

No Sítio Juazeiro, de sua propriedade, o Padre Pedro Ribeiro da Silva Monteiro construiu casa-grande, de taipa e telha, engenho, aviamento, senzala e capela. Esta, em síntese, a paisagem do Juazeiro em fins da década de 1820, embora não concluída ainda a predita capela.

Votado às atividades agropecuárias, firmou-se o Padre Pedro Ribeiro, simultaneamente, como pastor de almas, edificando, como edificou, um templo dedicado a Nossa Senhora das Dores, em seu próprio sítio, para mais eficiente cumprimento de sua missão sacerdotal e satisfação espiritual dos familiares e moradores do lugar e circunvizinhanças. O templo fora o prolongamento do oratório de sua casa residencial, onde celebrava o ofício divino.

Na construção da capela, coadjuvaram-no os parentes, especialmente seu avô, o Brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro e seu tio materno, o Cel. Joaquim Antônio Bezerra de Menezes.

Em registro exarado pelo Tte.-Cel José Joaquim de Maria Lôbo, rábula, professor primário e jornalista, lê-se que "em 15 de setembro de 1827, houve missa cantada na casa de Oração pelo Padre Pedro Ribeiro Monteiro, assistida pelo Padre Joaquim Lima Verde, que cantou a Epístola, acolitado pelos seminaristas Antônio Pereira de Oliveira Alencar e José Alexandre Correia Arnaud, mais tarde aquele, Vigário de Lavras da Mangabeira e este de Cabrobó, assistindo ao ato o avô do celebrante, o Brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro, e seus filhos Coronel Gonçalo Luís Teles de Menezes, Capitão-mor Joaquim Antônio Bezerra de Menezes, Capitão José Garaldo Bezerra, Capitão Manuel Leandro Bezerra de Menezes, inclusive o menor Pedro Lôbo Bezerra de Menezes, também sobrinho do Brigadeiro, conhecido não só pela patente de Capitão, como por ter dado de uma vez dez contos de réis ao Revm^{o} Ibiapina para a construção da Casa de Caridade de Barbalha, afora numeroso concurso de cavalheiros e senhoras."

Este relato evidencia a pompa e o fulgor de que se revestiram as solenidades do lançamento da pedra fundamental da Capela de Nossa

Senhora das Dores, naquele recuado e auspicioso 15 de setembro.

Erigida a capela, começou a formar-se o arruado, núcleo da maior cidade da hinterlândia cearense, ao passo que o Padre Pedro Ribeiro que a erguera, ao lado de sua família, assumiu, ele próprio, as funções de capelão, cargo em que se manteve até seu trespasse em 1833.

Com efeito, o aglomerado urbano não demorou a despontar, visto como já na primeira metade da década de 1830, em documentos coetâneos, a localidade aparece com o nome de POVOAÇÃO DO JUAZEIRO.

Finado o Padre Pedro Ribeiro, no capelionato sucederam a ele, em ordem cronológica, os Padres José Joaquim de Oliveira, João Marrocos Teles, Luís Barbosa Moreira, Antônio de Almeida, Pedro Ferreira de Melo e Cícero Romão Batista.

Como povoação, conforme, soía acontecer por estes sertões, o Juzeiro caracterizou-se pela morosidade em sua evolução, até que, em 1889, após receber o Sacramento da Eucaristia das mãos do Padre Cícero Romão Batista, o sangue jorrou, em público, da boca da Beata Maria de Araújo. O evento, que se repetiria bastas vezes, aliciando levas de curiosos e peregrinos, modificou, por completo, a fisionomia do lugarejo que se tornou, dentro de período relativamente curto, uma das mais importantes urbes do interior nordestino.

Mas aqui tem início nova fase da história de Juzeiro, a qual se confunde com a história mesma do Padre Cícero. e esta história há sido contada e recontada, geralmente ao calor de envolventes paixões, quer na ofensiva, quer na defensiva.

Não comportam os limites destas achegas uma incursão por esses meandros. A essa altura suspendemos, pois, o nosso relato, para nos deter, pouco que seja, em legítimos fundadores de Juazeiro do Norte, tracejando, em ordem ascendente, os perfis biográficos de quatro vultos da família Bezerra de Menezes, da família do Brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro, convergentes todos no exato espaço de tempo da nossa nucleação social, como preito de reconhecimento a essa estirpe de bravos: Padre Pedro Ribeiro da Silva Monteiro, Manuel Ludgero de Carvalho Paz, Capitão-mor Joaquim Antônio Bezerra de Menezes e ele próprio, o Brigadeiro.

PADRE PEDRO RIBEIRO DA SILVA MONTEIRO - Filho do Capitão Sebastião de Carvalho e Andrade e Luísa Joana Bezerra de Menezes, viu a luz do dia, em terra do Salgadinho, por volta de 1790. Seus pais, ele pernambucano e ela sergipana, posseiros e domiciliados nas influências do citado rio, no último quartel do Século XVIII. A genitora, nascida em 1773 e falecida em 1820, sobressai na crónica regional, como doadora, então viúva do primeiro marido , em 29 de dezembro de 1801, do patrimônio da extinta Capela de São Vicente Férrer que ela mandou erigir em Crato, no local onde, hodiernamente, se situa a Praça Siqueira Campos.

Após cursar o Seminário de Olinda, em Pernambuco, e ungido sacerdote, o Padre Pedro Ribeiro volveu à gleba de origem, fixando residência no Sítio Salgadinho.

Sua ordenação sacerdotal ocorreu, no máximo em 1815, por isso que, nesse ano, aos 26 de março, inscrevendo-se como associado da Confraria do Santíssimo Sacramento da Matriz do Crato, declarou-se presbítero, de 25 anos de idade e morador no sobredito Salgadinho.

Inicialmente, assistiu, nos misteres eclesiásticos, o pároco cratense, o Padre Miguel Carlos da Silva Saldanha e, a partir de 1818, exerceu as funções de coadjutor do vigário interino da Freguesia de Nossa Senhora da Penha, o Padre Vicente José Pereira.

Patriota e independista, a, apoiou a Expedição de Caxias, chefiada pelo caudilho José Pereira Filgueiras, concorrendo para ela com seis bois e vinte mil réis em dinheiro.

Transferindo-se, posteriormente, para o Sítio Juazeiro que transformou em "central administrativa de outros próprios", exatamente nesse novo habitat principiou, em 1827, a edificação da Capela de Nossa Senhora das Dores, lançando, assim, os fundamentos da atual metrópole do Cariri.

Gravemente enfermo, o Padre Pedro Ribeiro legou, em testamento, ao avô, o Brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro, a quem constituiu seu herdeiro universal, toda a sua fortuna, inclusive o mencionado Sítio Juzeiro.

Veio a falecer em 9 de setembro de 1833, com quarenta e poucos anos, sendo sepultado na capela que ele mesmo construíra.

MANUEL LUDGERO DE CARVALHO PAZ - Irmão germano do Padre Pedro Ribeiro, Manuel Ludgero de Carvalho Paz não incidiu em completo olvido, graças ao Barão de Studart que registrou dele algumas notícias.

Nascido nestas paragens, presumivelmente em 1794, foi estudante seminarista, adquirindo razoáveis conhecimentos. Prestou seus serviços aos habitantes do povoado e adjacências, fazendo às vezes de médico e advogado. Ademais, músico, pintor, poeta popular e erudito, cantava e tocava violão. Um boêmio do melhor estilo, esse neto do Brigadeiro, e figura decerto simpática ao povo simples do vilarejo, cujos dias monótonos e rotineiros, cujas noites escuras ou enluaradas, ele soube animar com as suas patuscadas, com o seu violão, com a sua voz e com os seus repentes, em trovas ou em décimas como as que se seguem:

Longe de ti, meu benzinho,
Como poderei passar,
De noite vivo tão triste,
De dia vivo a pensar.

O Nabuco Donosor,
Diz a Sagrada Escritura
Que trocou sua figura
Por ser grande pecador,
Porém Deus o perdoou
No transe de sua vida,
A Madalena perdida
Converteu-se ao Senhor,
Só um Judas traidor
Perde-se no fim da vida.

Eu me acho diferente,
Já não sou quem era dante,
A mulher que eu amei
Dizem que tem outro amante.

Todo homem potentado
Que não teme a lei de Deus
Pensa que os costumes seus
São bons e não faz pecado,
Pensa que seu bom estado
Há de durar toda a vida,
Mas se engana e Deus castiga
Quando chega a ocasião,
Ficando sem remissão,
Perde-se no fim da vida.

Impenitente e incorrigível na sua boêmia, chegando mesmo a coabitar com certa mulata, o bardo causou profundos desgostos ao irmão padre, a ponto de este legar os bens ao avô,e não a ele, seu único mano.

A despeito de tudo, viveu Manuel Ludgero a sua vida e teve seus incontestáveis méritos.

Já velhinho, empreendeu viagem ao Sul do País, em visita a seus primos Drs. Leandro Bezerra Monteiro e Leandro Chaves e Melo Ratisbona, expirando no Estado do Rio de Janeiro, em 1876, na provecta idade de 82 anos.

CAPITÃO-MOR JOAQUIM ANTÔNIO BEZERRA DE MENEZES - Rebento do casal Brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro - Rosa Josefa do Sacramento, veio ao mundo, sob os céus caririense, em 11 de outubro de 1784. Casou-se duas vezes, primeiro com Ana Angélica de Jesus de Sá Barreto, depois, com Quitéria Delfina Benedita Nobre, tornando-se ancestral de numerosa e distinta progênie.

Político de nomeada e de real prestígio, desfrutou de posições de relevo. Juiz Ordinário e Juiz de Órfãos, Capitão das Ordenanças e Coronel Comandante Superior da Legião da Guarda Nacional cratense, Chefe do Partido Conservador e Capitão-mor do Crato, terceiro e último, Deputado Provincial em duas legislaturas, Cavaleiro da Ordem da Rosa e do Cruzeiro.

Em 1841, fez doação à Capela de Nossa Senhora das Dores de uma parte de terras situadas na Povoação do Juzeiro.

Vale salientar que outro patrimônio a dita capela possuía, anteriormente, no Sítio Currais de Cima, do Brigadeiro Leandro. Uma terceira doação foi a do Cel. Gonçalo Luís Teles de Menezes, filho deste último.

O Capitão-mor, em pessoa, ajudou na construção do templo, sofrendo uma queda e fraturando uma perna. Ficou manco para o resto da vida.

Havido por homem de inteligência rara, o Capitão-mor Joaquim Antônio deixou valioso escrito sobre o descobrimento do Cariri, estampado em *O Araripe* (1855).

Finou-se em Crato no dia 13 de setembro de 1868, recebendo sepultura no cemitério local.

BRIGADEIRO LEANDRO BEZERRA MONTEIRO - Nasceu no Sítio Muquém, ora integrado ao município do Crato, aos 5 de dezembro de 1740, filho do sergipano Capitão Antônio Pinheiro Lôbo e Mendonça e da pernambucana Joana Bezerra de Menezes ou Joana Bezerra Monteiro. Ainda adolescente, perdeu o pai.

Depois, falecendo-lhe em Sergipe o avô paterno, o Sargento-mor José Pinheiro Lôbo, para lá seguiu, a fim de receber a herança que a ele e a seus irmãos cabia. Em Sergipe, no ano de 1764, convolou a núpcias com sua consanguínea Rosa Josefa do Sacramento, filha do Capitão-mor Simeão Teles de Menezes e Luísa Maria da Conceição, sediando-se ali, no Engenho São José, à margem do Rio Vasa-Barris.

Passados três lustros do seu casamento, retornou aos pagos natais, em 1779, estabelecendo-se, pouco depois, no Sítio Porteiras, por ele comprado aos herdeiros do cunhado, Alferes Manuel de Sousa Pereira, sítio onde residiu, por cinquenta e três longos anos.

Transferiu-se, no ocaso da vida, para a casa-grande do Juazeiro que lhe legara o Padre Pedro Ribeiro e cuidou da conclusão da capela erguida pelo neto.

Homem de preponderante atuação política, "sua participação ativa na contra-revolução de 1817, quase octogenário, foi que o projetou na história política da Província, sem o que talvez sua vida tivesse decorrido em "tranquila obcuridade". Graças às suas providências enérgicas e acertadas, sobretudo a pressão que exerceu sobre a dubiedade de Filgueiras, trouxeram o fracasso dos amotinados e, o mais importante, a sua animosidade pelos

anos posteriores a quem consideravam responsável máximo pela sua derrota, causa assim dos acontecimentos subsequentes'', como acentua José Denizard Macêdo de Alcântara.

Pela fidelidade à Monarquia, foram conferidas a Leandro Bezerra Monteiro as honras de Brigadeiro e, de 1825 à abdicação, manteve-se ele como inconteste e moderado chefe político do Crato e ''um dos homens públicos de maior relevo'', no Cariri.

O Brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro faleceu do dia 4 para o dia 5 de julho de 1837 e sepultou-se no recinto da Capela de Nossa Senhora das Dores.

Do seu consórcio com Rosa Josefa do Sacramento, advieram os filhos seguintes, vindos à luz em Sergipe os três primeiros, e os demais, no Cariri: Luísa Joana Bezerra de Menezes, a quem o genitor destinou, como dote de casamento, uma légua de terras secas, apropriadas para criação e a quantia de cinquenta mil réis, a fim de ela comprar o Sítio Carás de Cima; Padre Antônio Pinheiro Lôbo de Menezes, ex-vigário Colado da Freguesia piauiense de Jurumenha; Simeão Teles de Menezes, Sargento-mor; Gonçalo Luís Teles de Menezes, Coronel da Cavalaria e Cavaleiro da Ordem de Cristo; Joaquim Antônio Bezerra de Menezes, Capitão-mor do Crato, antes referido; José Geraldo Bezerra de Menezes, Tenente-Coronel; Ana Maria Bezerra de Menezes e Manuel Leandro Bezerra de Menezes, Tenente-Coronel de Cavalaria.

Através de seus filhos, de projeção todos e todos matrimoniados, salvo o padre, o Brigadeiro Leandro e sua mulher tornaram-se maiores de uma estirpe categorizada que os não deslustra, honrando a Pátria, no pretérito e no presente, destacados que foram e são, nos mais diversos ramos das atividades humanas. Poderíamos citá-los a flux. Restringimo-nos, entretanto,a alguns nomes, exclusivamente a mero título de exemplo: Drs. Leandro Bezerra Monteiro e Leandro Chaves e Melo Ratisbona, Deputados Gerais do Império; Dr. Geraldo Montedônio Bezerra de Menezes, escritor emérito, professor da Universidade Federal Fluminense e ex-Presidente do Tribunal Superior do Trabalho; Generais Raimundo Teles Pinheiro, historiador e membro conspícuo do Instituto do Ceará, Joaquim Pinheiro Monteiro, José Monteiro Pinheiro e Cel. Osvaldo Tavares Bezerra, cintilantes oficiais do Exército Brasileiro; Dr. Pedro Pinheiro de Melo, Desembargador do Tribunal de Justiça do Ceará; Dr. Humberto Esmeraldo Barreto, Presidente da Caixa Econômica Federal; Padre Pedro Esmeraldo de Melo, religioso jesuíta e Provincial de sua Congregação; Afonso Pinheiro Teles, oficial da Aeronáutica; Dr. Antônio Pinheiro Filho, primeiro Diretor da Escola de Engenharia do Ceará; Dr. Albelar Pinheiro Teles, ex-Secretário de Estado, no Piauí, na Pasta da Agricultura e tantos, tantíssimos outros cuja relação é inoportuna, agora, por fastidiosa que seria.

Faz-se, contudo, preciso vir a tempo um ramo que, enseivando-se no tronco comum - Brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro e Rosa Josefa do Sacramento - alçou-se e, sobranceiro, glorifica toda a frondosa árvore.

É aquele, representado pelo preclaro cidadão José Bezerra de Menezes e pela venerável senhora Maria Amélia Bezerra, com seus rebentos: Sr. Leandro Bezerra de Menezes, Coordenador das Fazendas Reunidas, Professora Margarida Neide Bezerra Tavares, Inspetora do Curso Normal, Dr. Ivan Rodrigues Bezerra, Presidente do Parque Industrial, Professor Maria Alacoque Bezerra de Figueiredo, Delegada de Educação, Sr. Orlando Bezerra de Menezes, Deputado à Assembléia Legislativa Cearense, Cel. Francisco Humberto Bezerra, Deputado Federal e Secretário de Estado, Cel. José Adauto Bezerra, Governador do Ceará, constelação maravilhosa e orgulho maior de nossa querida terra.

Antes de pôr termo ao vertente delineamento, recuemos no tempo e, ao ensejo da abertura das festividades comemorativas do Sesquicentenário da povoação do Juzeiro, evoquemos, comovidos e agradecidos, para o tempo da memória, aqueles que a antecederam, afazendando-se e amanhando o terreno, no período mesmo de nossa iniciação agrícola: Alferes Manuel de Sousa Pereira, Caetana Perpétua do Nascimento Bezerra de Menezes, Capitão Domingos Gonçalves Sobreira, Rita dos Prazeres Cabral, Capitão Firmiano Dias de Sousa, Manuel Alves de Oliveira, Gonçalo José de Alencar, Íria Francisca de Alencar, Capitão José Bezerra de Barros, Lourenço Ferreira Pinheiro e todos os outros, posseiros ou acostados, os quais, vencendo os percalços, superando os óbices, nos transmitiram eloquente exemplo de luta e de conquista.

Evoquemos, comovidos e agradecidos, para o templo da memória, tantos quantos contribuíram para a construção do povoado, nobres ou plebeus, particularmente a família do Brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro e, sobretudo, o padre Pedro Ribeiro da Silva Monteiro.

E, nessa evocação, em ordem a finalizar estas considerações, tão desataviadas quanto reais, procedamos a um ligâmen do passado com o presente, mesmo sabendo que o passado e o presente de um povo se mutuam e harmonizam numa conexão sucessiva e ininterrupta de fatos.

Em 1817, um neto do Brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro, sentando a pedra fundamental da Capela de Nossa Senhora das Dores, lançava as bases de uma grande cidade.

Em 1977, quando um povo altivo e brioso, com dignidade e garbo, comemora os prelúdios da mesma grande cidade, um trineto e tetraneto do Brigadeiro governa o Ceará.

Decorridos 150 anos, constata-se que a família constituidora da aristocracia da terra, no pretérito, recresceu e agigantou-se, alteando-se, no

presente, no comando sócio-político-econômico-administrativo, não só da mesma terra, senão também da região e do Estado.

Decorridos 150 anos, coincidentemente, dois ilustres descendentes do Brigadeiro, em curiosa defrontação, perfilaram-se em ambos os extremos dos fastos citadinos, o Padre Pedro Ribeiro da Silva Monteiro, o fundador-mor e o Governador José Adauto Bezerra, o responsável maior, nos dias atuais, pelo invejável progresso desta cidade-metrópole, onde mourejamos e que tanto amamos, fadada, cada vez mais, a alvissareiros destinos, sob a bênção de Deus, a proteção de Nossa Senhora das Dores e a tutela do Padre Cícero Romão Batista.

FONTES CONSULTADAS

a) *Fontes primárias* - Livros Paroquiais de Missão Velha e Crato; Livros de Notas, Autos de Inventários e Testamentos do Primeiro e Quinto Cartórios do Crato, de Maria Albertina Feitosa Calíope e Maria Júlia Lima Verde Vilar, respectivamente;

b) *Fontes secundárias* -Raimundo Girão - *Pequena História do Ceará;* João Brígido - *Ceará, Homens e Fatos;* Antônio Bezerra - *Algumas Origens do Ceará;* Padre Antônio Gomes de Araújo - *Povoamento do Cariri;* Irineu Pinheiro - *O Cariri;*Joaryvar Macêdo - *Templos, Engenhos, Fazendas, Sítios e Lugares;* Irineu Pinheiro - *Efemérides do Cariri;* Padre Antônio Gomes de Araújo - *Padre Pedro Ribeiro da Silva, o Fundador e Primeiro Capelão de Juazeiro do Norte;* José Denizard Macêdo de Alcântara - *O Poeta Ludgero, Primeira Lira Cratense,* in *Itaytera,* nº 7; Joaryvar Macêdo - *Fragmentos da Poesia Ludgeriana,* in *Cicerópolis,* nº 5; Barão de Studart - *Dicionário Biobibliográfico Cearense,* v. II; Geraldo Montedônio Bezerra de Menezes - *Capitão-mor Joaquim Antônio Bezerra de Menezes e Sua Descendência,* in *Revista Genealógica Brasileira,* nºs 17 e 18; José Denizard Macêdo de Alcântara - *Vida do Brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro;* Maria Alacoque Bezerra de Figueiredo - *Escola de Primeiro Grau D. Maria Amélia Bezerra,* in *Boletim do Instituto Cultural do Vale Caririense,* nº 3.